Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

# A corrida que não termina: circulação digital, narrativa e agência corporal nas plataformas de monitoramento[1]

# The run that never ends: digital circulation, narrative and bodily agency on monitoring platforms

Matheus Arouca Gomes Gibaldi

**Palavras-chave:** Circulação digital; Corrida de rua; Narrativa de si; Plataformização; Corpo.

Era sábado de tarde no Rio de Janeiro e eu completei trinta quilômetros ao redor da Lagoa Rodrigo de Freitas. O plano original era uma volta. Foram quatro, decididas uma a uma, sem aviso, sem plateia, partindo de um desânimo matinal que quase me manteve em casa. Quando terminei, as pernas bambas e o cansaço profundo diziam uma coisa; o relógio dizia outra. Os dados estavam todos lá, organizados pela plataforma em gráficos, mapas e análises automáticas de desempenho, mas nenhum daqueles números dizia o que havia acontecido de verdade naquela tarde. O que veio depois foi deliberadamente contido: um print do aplicativo e três linhas num story. Desafio concluído. 30 km. 4 voltas na Lagoa. Não havia pace destacado nem convite à comparação. Havia uma declaração e, por baixo dela, uma intenção que os dados não

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

continham: mostrar que era possível, que o corpo comum chega lá, que o desânimo da manhã não precisa ser a última palavra sobre o dia.

Essa cena inaugura o problema que esta pesquisa, desenvolvida no âmbito de uma tese de doutorado em Comunicação, investiga: a corrida contemporânea não termina quando o corpo para. Ela continua nos dados sincronizados, nas narrativas construídas a partir das métricas, no reconhecimento que circula numa comunidade de prática mediada digitalmente e no retorno que essa circulação opera sobre o corpo que correrá amanhã. O objeto empírico é a corrida de rua plataformizada, com ênfase nas práticas de corredores amadores urbanos que usam plataformas como o Strava e dispositivos como o Garmin para registrar, interpretar e compartilhar suas experiências. O argumento central é que os dados corporais produzidos nessas práticas não são registros técnicos neutros: eles são, desde sua produção, atravessados pela subjetividade do sujeito que os gerou e, por isso, já são sempre, antes de qualquer postagem, matéria narrativa em formação. O percurso do texto parte do debate sobre circulação, examina os limites dos conceitos disponíveis e chega à proposta de um novo instrumento teórico para os estudos de Comunicação.

## 1. A corrida de rua como objeto dinâmico de circulação

A corrida de rua contemporânea é um fenômeno comunicacional antes de ser um fenômeno esportivo. Cada quilômetro percorrido por um corredor amador com um dispositivo vestível no pulso produz dados que serão sincronizados, organizados, interpretados e potencialmente colocados em circulação numa comunidade que existe tanto nos parques e nas ruas quanto nas interfaces do Strava, do Instagram e dos grupos de WhatsApp das assessorias esportivas. Fausto Neto (2010) formulou a circulação não como mero espaço de passagem das mensagens, mas como lugar de produção de sentido onde as lógicas de produção e de recepção se encontram e se transformam mutuamente. Essa perspectiva é decisiva para a corrida plataformizada: o que circula nesse contexto

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

não é uma mensagem produzida de forma independente da experiência corporal, mas a própria experiência que, ao ser dataficada e narrada, entra em circulação e se transforma ao circular. O dado sincronizado não é o mesmo objeto quando aparece no feed dos seguidores, quando recebe kudos, quando é comparado e quando retroage sobre o corredor seguinte. A circulação o transforma em algo que ele não era antes de circular.

Carlón (2024) aponta a aceleração da circulação como traço definidor da hipermidiatização, e essa aceleração é especialmente visível na corrida plataformizada: dados sincronizados em segundos, narrativas postadas antes de o corpo esfriar, reconhecimentos que chegam enquanto o corredor ainda se alonga. Essa temporalidade comprime a distância entre o corpo que corre e a narrativa que circula, mas não elimina a complexidade do processo; ela a intensifica, tornando visível a quantidade de decisões comunicacionais que o corredor toma a cada treino. Há ainda uma camada territorial nessa circulação: quando um corredor compartilha o mapa de um treino, ele coloca em circulação uma experiência de espaço urbano simultaneamente física, afetiva e digital, uma cidade vivida pelo corpo que a plataforma transforma em imagem compartilhável, reescrevendo com o GPS aquilo que Certeau (2014) descreveu como as artes de fazer dos praticantes urbanos.

Essa circulação, porém, não acontece em infraestruturas neutras. Como argumentam Van Dijck *et al*. (2018), as plataformas organizam ativamente o que circula, o que recebe visibilidade e o que permanece invisível, segundo lógicas que tendem a favorecer certos conteúdos em detrimento de outros. Na corrida plataformizada, essa hierarquia algorítmica privilegia os corredores mais rápidos, os treinos impressionantes, as narrativas de excelência. O corredor lento, o treino modesto e a narrativa de persistência sem resultado espetacular competem por visibilidade em sistemas projetados para maximizar engajamento. Reconhecer essa assimetria é condição para compreender a circulação na corrida plataformizada como fenômeno comunicacional pleno, atravessado por disputas de valor e de reconhecimento.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

## 2. Os limites dos conceitos disponíveis

Os conceitos consolidados na literatura sobre automonitoramento descrevem partes importantes do fenômeno, mas compartilham um limite: todos descrevem com rigor a captura do corpo pela tecnologia e nenhum descreve com a mesma precisão o que acontece depois, quando o sujeito decide o que fazer com o dado, como enquadrá-lo numa narrativa e se colocá-lo em circulação. O Quantified Self, descrito por Wolf (2009 apud Ruckenstein; Pantzar, 2015) como cultura de autoconhecimento mediado por números, captura bem a dimensão do automonitoramento: o corredor que acompanha pace, frequência cardíaca e carga de treino aprende sobre o próprio corpo de formas que a intuição isolada não permitiria. Mas trata-se de uma prática individual e instrumental, que descreve o sujeito sozinho diante dos próprios dados, sem espaço privilegiado para a circulação social, o reconhecimento e a narrativa pública. Ruckenstein e Pantzar (2015, p. 412) identificaram esse problema ao observar que o movimento promove uma visão altamente individualista que desconsidera os processos sociais e comunicativos que o autorrastreamento promove. Já o conceito de corpo quantificado opera em registro ainda mais restrito: descreve o corpo como objeto de mensuração, sem pressupor sujeito reflexivo nem intenção comunicacional. É o corpo que o sistema vê, e que para de interessar analiticamente no exato momento em que o dado é produzido.

Han (2015) oferece a crítica mais sofisticada do fenômeno, mas chega a outro impasse. Ao descrever o sujeito contemporâneo como sujeito de desempenho que se autoexplora voluntariamente até o esgotamento, o autor nomeia algo real na corrida plataformizada: o corredor que nunca está satisfeito com o pace, que transforma descanso em culpa e que compara obsessivamente seu desempenho nas plataformas existe e é reconhecível. O problema não está no que é afirmado, mas no que não se consegue ver. Sua leitura é unidirecional: o sujeito é capturado, disciplinado e esgotado, sem espaço teórico para a agência, a ressignificação ou a resistência. Han (2020), por sua vez, não tem instrumentos para descrever a corredora que posta sua primeira meia

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

maratona com pace acima de dez minutos por quilômetro afirmando que a corrida de rua democratiza, porque esse gesto subverte os critérios de valor da lógica do desempenho e usa a circulação digital para disputar o que conta como performance legítima. Tampouco descreve quem ficou no hotel na manhã de uma prova, ouviu o próprio corpo, não correu e viveu uma experiência intensa sem nenhum dado para mostrar.

O que os três conceitos compartilham é uma premissa que esta pesquisa recusa: a de que o dado corporal é ponto de chegada do processo, um fato objetivo anterior à interpretação. A observação da corrida plataformizada revela o contrário. O dado nunca chega ao sujeito como fato neutro: chega carregado de contexto, expectativa e história. O pace de seis minutos por quilômetro num treino de recuperação não é o mesmo objeto comunicacional que o pace idêntico num treino de qualidade; o que os diferencia não está no número, mas na história que o sujeito traz consigo quando o lê. O dado já é narrativa antes de virar postagem, e é exatamente esse movimento que os conceitos disponíveis deixam sem nome.

## 3. O corpo que dialoga: um conceito para a circulação da experiência

É para nomear esse movimento que esta pesquisa propõe o conceito de corpo di-plataformizado. O prefixo "di" condensa três ideias sobrepostas: diálogo, o movimento pelo qual o sujeito usa a plataforma como linguagem, transformando dado em mensagem e métrica em narrativa; dupla dimensão, o reconhecimento de que o fenômeno não se reduz nem ao dado que a plataforma produz nem à experiência que o sujeito vive, porque o que importa analiticamente é o que acontece entre os dois; e direção, o movimento de ida e volta entre corpo, plataforma e mundo. O corpo di-plataformizado não é apenas um corpo capturado e interpretado pela tecnologia. É um corpo que responde, que ressignifica e que devolve ao mundo, pela circulação digital, algo que a plataforma sozinha jamais poderia gerar.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

O conceito é operacionalizado por cinco dimensões articuladas num circuito comunicacional: os dados corporais, dimensão métrica e ponto de partida do circuito; a narrativa de si, dimensão simbólica pela qual o dado se transforma em história de superação, constância, retorno ou democracia do corpo; a experiência urbana, que ancora o fenômeno na cidade concreta, com suas geografias afetivas e suas desigualdades; a mediação algorítmica, que descreve como os sistemas interpretam o corpo, recomendam condutas e organizam a visibilidade do que circula; e o reconhecimento social, dimensão relacional pela qual a narrativa encontra outros sujeitos, produz pertencimento e retroalimenta o circuito, transformando a experiência corporal seguinte. Essas dimensões não se somam linearmente: articulam-se num processo contínuo em que a circulação ocupa posição central, porque é nela que o dado interpretado se torna experiência compartilhada e que o reconhecimento retorna ao corpo. O silêncio também pertence ao conceito: o treino não postado, a prova não concluída e a experiência sem dado são formas de relação com a plataforma que igualmente produzem sentido.

A pesquisa que desenvolve e testa o conceito combina etnografia digital, entrevistas semiestruturadas com corredores amadores, treinadores e criadores de conteúdo, análise de corpus digital do Strava e diário autoetnográfico reflexivo do pesquisador-corredor, ancorado no corpo como vetor de sentido (Le Breton, 2012). A posição do pesquisador dentro do fenômeno não é fragilidade metodológica, mas fonte de precisão analítica. O corpo que correu trinta quilômetros numa tarde de sábado, postou três linhas secas e recebeu o reconhecimento que voltou é também o corpo que propõe este conceito. Num contexto de hipermidiatização em que os corpos são continuamente convocados a se tornarem dados, nomear o movimento de volta, a agência do sujeito que se recusa a ser apenas número, é também uma forma de reencantamento possível.

# Referências

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

CARLÓN, Mario. **Semiótica, (hiper)midiatização, circulação e atores/enunciadores**: a caminho de um enfoque macro-relacional não antropocêntrico para pensar o futuro? MATRIZes, v. 18, n. 3, p. 159-184, 2024.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: neoliberalismo e novas técnicas de poder. Editora Âyiné, 2020.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

NETO, Antonio Fausto. **As bordas da circulação**. Alceu, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 55-69, 2010. Disponível em: https://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Neto.pdf. Acesso em 10 jun. 26.

RUCKENSTEIN, Minna; PANTZAR, Mika. **Beyond the quantified self**: thematic exploration of a dataistic paradigm. New Media & Society, v. 19, n. 3, p. 401-418, 2015. Disponível em: https://sci-hub.box/10.1177/1461444815609081. Acesso em 10 jun. 26.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society**: public values in a connective world. Oxford: Oxford University Press, 2018.